

**DINAMÔMETRO BENJAMINIANO: O MATERIALISMO HISTÓRICO  
ORIENTANDO A IMAGINAÇÃO SOBRE UM TEMPO**

***BENJAMINIAN DYNAMOMETER: HISTORICAL MATERIALISM  
GUIDING THE IMAGINATION ABOUT A TIME***

Edson Santos Junior<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo propõe-se a observar o materialismo histórico indicado por Karl Marx e o posicionamento intelectual de Walter Benjamin no que respeita à elaboração sobre os termos da história, diante dos quais a tese nove do texto *Sobre o conceito da História* (Paris, 1940) é neste caso fonte referencial. Considerando a questão tempo como fundamental ao pensamento de historiadores e historiadoras, e aqui abordada como imagem, procura-se apreciar as menções à dinâmica das disputas entre as classes em relações de produção determinadas pelo desenvolvimento das forças produtivas na Europa ocidental, durante a década de 1930, e a respectiva crítica de Benjamin ao progresso indefinido e à superação espontânea do regime social capitalista pela civilização industrial.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Historiografia. Materialismo histórico. Teoria da História. Walter Benjamin (1892 – 1940).

**ABSTRACT**

This paper proposes to observe the historical materialism indicated by Karl Marx and the intellectual positioning of Walter Benjamin in relation to the developing of the history's term, before the thesis nine from the text *On the Concept of History* (Paris, 1940) is the main reference source. Taking into account the issue of "time" as fundamental to the historians' thought and here it is addressed as an image, we aim at appreciating the references to the dynamics of disputes among classes in the relation of production determined by the development of productive forces in Western Europe, during the 1930s, and Benjamin's criticism to indefinite progress and spontaneous overcoming of the capitalist social system by industrial civilization.

**KEYWORDS:** History. Historiography. Historical materialism. Theory of History. Walter Benjamin (1892-1940).

---

<sup>1</sup> Historiador pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/ Unifesp). Campus provisório: Av. Monteiro Lobato, nº 679, Bairro Macedo. Guarulhos, SP. CEP: 07112000. Contato: ed.santos.junior@gmail.com.

## INTRODUÇÃO: O ESPELHO DE UMA ÉPOCA

Walter Benedix Schönflies Benjamin foi filósofo e nasceu a 15 de julho de 1892 em Berlim, escreveu durante a década de 1930 um conjunto de parágrafos que ele mesmo chamava de “teses”, em que procurou elaborar sobre os termos da história. Entre as mencionadas teses, destacamos aqui a tese nove, nosso objeto, com o propósito de observar o pensamento do autor acerca do materialismo histórico e de uma imagem de tempo.

A Europa registrava uma acirrada disputa política entre as classes sociais. Correntes políticas com diferentes orientações participavam dessas disputas frente às elites decadentes e proprietários capitalistas, após grave crise de superprodução em 1929, que culminou com o que foi chamado de “a grande depressão” e a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Durante a década de 1930, principalmente as pessoas pobres experimentaram de modo rigoroso recessões financeiras e regimes políticos de exceção, diferentes matizes de fascismos que buscavam encerrar a disputa entre as classes com “soluções” pragmáticas, na maioria das vezes em benefício de grupos dominantes, velhas elites e pessoas de renda média.

O fascismo vingou durante a década anterior, nos anos 1920, especialmente na Itália, e envolveu soldados retornados dos pelotões da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918) e articulados com relevantes forças sociais naquele país, como militantes políticos e capitalistas. Coroou-se com a ascensão de Benito Mussolini ao poder, em vista de um regime que lograria de significativa influência em outros países, como a Alemanha, por exemplo. A Europa Ocidental parecia assistir a um dos episódios mais graves de sua história. Em vista de crises econômicas, desvalorização salarial, fome e disputas políticas entre as classes pela direção do Estado, aquele espaço acumulou tensões e buscou soluções frequentemente opressoras para os problemas que enfrentava (Paxton, 2007, p. 13 - 49).

Na Alemanha, o regime fascista italiano concentrava admirações. Adolf Hitler era um dos entusiastas fascistas que seguiam o exemplo de Mussolini quanto aos conflitos sociais em seu país, e o desenvolveu com medidas racialistas após sua ascensão como líder do nacional-socialismo germânico na década de 1930, buscando eliminar judeus, tidos como indignos e inferiores quando comparados à “raça ariana”. Assim como Mussolini, Hitler lustrava o futuro da humanidade aliado ao progresso, orientado pelo desenvolvimento das ciências, das técnicas e das forças produtivas ligadas ao capital (Geary, 2010, p. 11 - 23).

Quanto à União Soviética, o avanço do Exército Vermelho rumo ao leste europeu e a influência do sucesso da Revolução Bolchevique ocorrida em 1917 continuava a incomodar

as forças reacionárias. Na Espanha, desejava-se derrubar um regime oligárquico e monarquista, para o que estavam mobilizados socialistas, comunistas e anarquistas contra o regime capitalista na península ibérica, entre 1936 e 1939. Na França, especialmente após o sucesso nazista de Hitler no comando do Estado alemão, camadas sociais fascistas e nazistas colaboraram com os alemães, entregando militantes revolucionários e judeus às armas de Hitler (Hobsbawm, 1995, p.43 - 51). Benjamin, exilado na França em 1939, por conta da perseguição antisemita em seu país, foi intimado em setembro daquele ano a comparecer em um estádio, onde acabou detido com outros seis mil prisioneiros por dez dias, em péssimas condições, depois do que foi levado para o “campo de trabalhadores voluntários” de Clos Saint Joseph, em Nevers, onde ficou por dois meses (Konder, 1999, p. 102).

Leandro Konder (1999, p. 43) e Michael Löwy (2005, p.16) observam a partir de escritos e correspondências de Benjamin que a leitura por ele feita nos anos 1920 de *História e consciência de classe*, de Georg Lukács, aproximou-o definitivamente do pensamento de Karl Marx. Observador de diferentes marxismos à sua época, Benjamin buscou um lugar entre as versões doutrinárias adotadas pela direção do movimento comunista na Rússia, após a morte de Lênin em 1924, e aquela adotada pela direção da socialdemocracia alemã.

Nosso autor não se refere a um sistema conceitual na obra de Marx, mas a um pensamento que lança mão de vários conceitos como sustentação teórica de um projeto de determinada revolução social – acabar com o trabalho alienado e a mais-valia absoluta para provocar a igual distribuição das riquezas socialmente produzidas, rumo a uma sociedade sem classes.

Para ele o proletariado acabaria por redimir a sociedade, submetida à opressão do regime burguês. Contudo, Benjamin não acreditava que o capitalismo estivesse “naturalmente” fadado à extinção; ele observava que o modo de produção e apropriação das riquezas sociais, desenvolvido pela burguesia, era capaz de ser mantido por tempo indeterminado e que o capitalismo não teria aprofundadas as próprias crises, até o ponto de sua extinção.

Ao que parece, as únicas experiências de ativismo político de nosso autor ocorreram quando ele era estudante, em Berlim. Ele nunca foi membro de um partido político ou militante, como vários intelectuais de sua geração. Mas, atentou-se para um aspecto importantíssimo do pensamento de Marx, a dialética, e um conceito fundamental, a “práxis”. Benjamin acreditava que soviéticos e socialdemocratas equivocavam-se quanto à apropriação

que faziam da obra de Marx. Nesses casos, tais direções estariam agindo de maneira oportunista, copiando e colando, digamos, conceitos das obras de Marx e Engels, posteriormente de Lênin também, para a elaboração de suas retóricas políticas, suas táticas, estratégias e planos.

Concebendo o marxismo como estímulo à ação política, nosso autor divergia do discurso evolucionista e seguidor do progresso indefinido, defendido por líderes como Kautsky na Alemanha e Stálin na Rússia. Nestes casos, o movimento socialdemocrata e o comunista tornaram-se movimentos marxista e marxista-leninista, respectivamente. A história era compreendida como sendo determinada por tais líderes e pela direção de seus partidos, que procuravam convencer as massas a segui-los, em nome da necessidade histórica implacável: a revolução. À vanguarda política desses partidos cabia a “aplicação dos conceitos do marxismo”.

Assim como outros autores, a exemplo de Antonio Gramsci e Karl Korsh, Benjamin chamou a atenção para o sacrifício do pensamento filosófico nesses marxismos, propondo-nos que repensar as relações entre teoria e prática era um caminho interessante para liquidar o capitalismo. Nosso autor nada escreveu sobre a práxis. Sua leitura, entendemos, é que se mostra orientada por tal ideia. Ele observou que o capitalismo era capaz de criar e manter mecanismos de controle do comportamento social, individual e da atividade política, que buscavam impedir a insurreição revolucionária das massas, além de aceitar ideologias inclusive a ele opostas, sempre que lhe fossem convenientes: o consumo havia-se tornado uma atividade mais complexa e detalhada do que se supunha.

Para ele, o modo de produção burguês e a sociedade voltada para o mercado tudo reduzia a cifras e valores quantitativos, até mesmo a vida humana e o meio ambiente eram assim reduzidos. O trabalho assalariado e a degradação ambiental seriam apenas indícios desses aspectos.

A 30 de janeiro de 1933, na Alemanha, Adolf Hitler torna-se primeiro-ministro. Designado pelo marechal Hindenburg, Hitler comandou um regime de ampla perseguição a judeus e àqueles que se opunham ao seu governo. O antissemitismo assumiu contornos cientificistas e o judaísmo foi representado como uma doença, a ser erradicada a partir de um projeto de “higienização social”. No mês seguinte, durante a noite do dia 27, o Reichstag, prédio do parlamento alemão, foi incendiado e os comunistas foram acusados pela polícia como responsáveis pelo crime. Alguns dias depois, a nove de março, os nazistas prenderam o

ex-deputado comunista búlgaro Dimitrov, apontado como mentor do incêndio; verificou-se ainda a construção de campos de concentração na Baviera, destinados à prisão de até cinco mil pessoas, além de notícias na imprensa sobre prisões em massa. Nesse mesmo ano, cerca de sessenta mil alemães deixaram o país e exilaram-se (Konder, 1999, p. 65 – 66).

Benjamin decide então deixar a Alemanha e viver na França, onde tentou alojar-se em um hotel em Paris, o que elevou demasiadamente as suas despesas, uma vez que não possuía recursos suficientes para isso; sendo impelido a buscar condições que lhe fossem adequadas, mudou-se para Ibiza, na Espanha. Nesse momento, ele elabora um ensaio a partir de estudos sobre o autor tcheco, Franz Kafka, que foi publicado em 1934. São publicações sob o uso de pseudônimo que irão compor sua renda. Mas as condições de isolamento em Ibiza foram-lhe bastante desfavoráveis e ele assim teria se manifestado, em uma de suas cartas escritas a uma prima: “estou colhendo flores à margem do fio d’água de uma existência reduzida ao mínimo”, e ainda em 1934 retornou a Paris.

Na capital francesa, nosso autor havia logrado uma renda muito modesta, algo em torno de quinhentos francos mensais, decorrente daquilo que escrevia como colaboração para o Instituto de Pesquisa Social, fundado em Frankfurt em 1923. O Instituto possuía orientações distintas, mas para todos os efeitos, as posições políticas que manifestava eram antifascistas, muitas influenciadas pelo pensamento marxista (Konder, 1999, p. 68 – 70).

Depois de exilado na Dinamarca, o dramaturgo Bertolt Brecht irá receber o amigo Benjamin em sua casa por temporadas de verão em 1934, quando escreve o ensaio *O autor como produtor*; o receberá ainda em 1936 e novamente em 1938. Um materialista messiânico como o nosso autor intrigava bastante a Brecht. Mas viver em Paris custava, definitivamente, muito dispendioso e entre novembro de 1934 e abril de 1935, Benjamin esteve em San Remo, na Itália, onde procurou firmar residência, depois do que retornou à Paris. Morando em um pequeno apartamento junto com sua irmã, que sofria de reumatismo e vivia muito modestamente. Ele vendeu alguns livros raros que possuía como maneira de adquirir fundos.

Em meados dos anos 1930, Stálin trata de reprimir quaisquer oposições ao seu governo e em 1936 os chamados “processos de Moscou” são concluídos com a liquidação das vidas de várias pessoas, entre elas importantes quadros revolucionários, como Zinoviev e Kamenev (Konder, 1999, p. 74 – 90). Após a morte de Lênin, o governo da Rússia comandado sob a “linha justa” de Stálin e seu Partido Comunista, explorava camponeses em trabalho exaustivo pelos soviets.

Trata-se ainda de momento profícuo para as artes políticas: *Manifestos do Surrealismo* (1935) de André Breton é elogiado pelo nosso autor e por ele renomado como a mais recente expressão de inteligência na Europa. A observação do cenário político na União Soviética e as críticas de Leon Trotsky (1879 – 1940) ao regime stalinista levaram Benjamin a reconhecer os “desvios” da Revolução proletária que ocorreu na Rússia, ou de outro modo, “desvios” da direção política soviética que deveria trilhar o comunismo (Löwy, 2005, p. 22).

Em 1936 a Espanha registrou uma insatisfação social com o atraso ibérico, comparado aos avanços de outras nações capitalistas europeias, e é dirigida contra o regime monarquista espanhol e contra o capitalismo lá presente. O acirramento da disputa entre as classes naquele lugar provoca, em 1937, uma guerra civil que se estende até 1939. Na guerra estiveram envolvidos monarquistas, sindicalistas revolucionários, comunistas, socialistas e anarquistas. A guerra envolveu, ainda, a Igreja Católica e a Alemanha dominada pelas forças nazistas, lideradas por Adolf Hitler, quem estava determinado a combater militantes revolucionários na Europa (Hobsbawm, 1995, p. 119 – 127).

## **CONTRADIÇÕES NO MUNDO OCIDENTAL**

Ainda em 1935, na França, depois da passagem por San Remo, nosso autor começa a escrever as conhecidas “teses” sobre o conceito de história. Nesse mesmo ano, ele estuda a obra de Jakob Bachofen e Charles Baudelaire, para entender algo do que inspirava a esses românticos. Seus protestos contra a modernidade capitalista, a civilização industrial e a paixão pelo comunismo de povos não civilizados, interessavam-lhe como críticas ao progresso e à modernidade europeia (Löwy, 2005, p. 28 – 32).

Para Konder (1999, p. 102), as “teses” de Benjamin foram elaboradas como uma introdução às *Passagens*, outra obra de nosso autor, a partir de um ensaio sobre Eduard Fuchs, um jornalista alemão que teria sido preso por “insultar” ao Kaiser durante o império. O ensaio foi encomendado pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt que à época encontrava-se exilado nos Estados Unidos. Fuchs foi também diretor do jornal *Süddeutsche Postillon* e estudou história da caricatura e da representação do erotismo nas artes figurativas, além de ter organizado edições de gravuras de Daumier e Gavarni. O ensaio ficou pronto no começo de 1937 (Konder, 1999, p. 69 – 91).

A Paris, “capital do século XIX”, vista segundo as lentes de Baudelaire que observava com desânimo as mazelas da sociedade capitalista e seus marginalizados, deixou o nosso

autor instigado. Ele estudou a obra do poeta e elaborou um ensaio chamado *A Paris do segundo império em Baudelaire*, pronto no segundo semestre de 1938. Intuindo sobre a profundidade das questões em Benjamin, Hannah Arendt a ele se referiu dizendo que se tratava de alguém com um “pensamento poético” (Löwy, 2005, p. 17).

No final da década de 1930 na Europa ocidental, os governos da Inglaterra e da França opunham-se ao regime soviético e ao expansionismo. O governo Alemão não podia depositar muito de sua confiança em aliados europeus, especialmente após o ultraje sofrido pelos alemães após o fim da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), que a muitos, inclusive a Benjamin, impressionou pelo poder de destruição altamente técnico. Novamente, a Europa acenava para o conflito belicoso.

A Internacional Comunista que pretendia reunir e dirigir o proletariado de todos os lugares do mundo contra os regimes capitalistas havia mergulhado tanto no sucesso da Revolução de Outubro que a ela acabou obedecendo rigorosamente, terminando por sufocar manifestações divergentes aos comandos soviéticos. Nesse contexto, e de um modo genérico, ser revolucionário significava obedecer aos comandos da União Soviética e às ordens de Stálin – que perseguia e reprimia seus próprios correligionários, como Trotsky, obrigado a viver exilando-se em um e outro país, até chegar ao México, recebido pelo artista plástico Diego Rivera - um México que havia hasteado a bandeira de uma revolução proletária em 1910.

A atuação dos partidos comunistas na Europa estava agora condicionada a um pacto de não agressão, também conhecido como pacto Molotov-Ribbentrop, firmado entre os governos de Stálin e Hitler em agosto de 1939. O pacto causou um furor enorme entre os comunistas e incomodou especialmente a Benjamin, por significar o arrefecimento do combate da esquerda ao capitalismo no espaço europeu e em seus domínios. Na França, local onde nosso autor encontrava-se exilado, a frente popular antifascista que então se formava sofreu um enfraquecimento que acabou beneficiando aos movimentos antisemitas. O Partido Comunista Francês ficou bastante desacreditado após a manobra stalinista e perdeu forças significativamente.

Ainda na França, sob o colaboracionismo com as forças de Hitler, Benjamin foi intimado a comparecer em um estádio, junto com centenas de imigrantes em situação não regularizada, judeus e comunistas. Seis mil pessoas foram feitas prisioneiras naquela ocasião, e assim permaneceram por dez dias em condições insalubres. Quando foi libertado, no final

de novembro de 1939, escreveu a Horkheimer sobre seu propósito em fazer uma comparação entre a obra *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau e o *Diário dos moedeiros falsos*, de André Gide, mas desistiu em maio de 1940, conforme relatou em carta a Adorno.

Benjamin ditou então à sua irmã um conjunto de vinte “teses” sobre os termos da História, dezoito “teses” e dois parágrafos que chamou de apêndices, sendo o conjunto dos parágrafos e teses intitulado de *Sobre o conceito da história*. De Paris, nosso autor acompanhava as notícias sobre as baixas entre socialistas, comunistas, anarquistas e judeus na Espanha, onde reacionários venciam. Na Alemanha, Hitler e seus comandados seguiam angariando forças e meios para a efetivação de seus planos bélicos na Europa. Agora, ele podia contar com a França ocupada por suas tropas (Hobsbawm, 1995, p. 145).

Paris foi ocupada pelos nazistas a 14 de junho de 1940. Em maio daquele ano, as tropas alemãs haviam ocupado a Holanda, a Bélgica, Luxemburgo e parte da França, quando milhões de franceses retiravam-se para o sul do país. Benjamin entregou um pacote com vários escritos seus a Georges Bataille, que o guardou na Biblioteca Nacional. Depois, fugiu para a cidade de Lourdes, acompanhado de sua irmã, Dora, e escreveu uma carta para Adorno pedindo-lhe que intercedesse junto ao serviço diplomático dos Estados Unidos, em busca de uma autorização, o mais rápido possível, para a América: no dia 2 de agosto daquele ano, escreveu “meu medo é que o tempo disponível, para nós, possa ser muito mais limitado do que supúnhamos”.

Dora ficou em um sítio perto de Aix-em-Provence e nosso autor seguiu viagem até Marselha. Lá, recebeu autorização para a viagem até os Estados Unidos, mas ainda lhe faltava um documento para que pudesse viajar, a autorização para que ele deixasse a França – o que até o momento não havia conseguido. Encontra-se ainda com Arthur Koestler, quem lhe deu metade dos tablets de morfina que carregava consigo para o caso de optar pelo suicídio.

Com Lisa Fittko, que se dispõe a guiá-lo e parceira de um ex-companheiro seu durante a prisão em Clos Saint Joseph, decide fugir por uma travessia clandestina dos Pirineus entre a França e a Espanha. Em Port Bou, ele se apresenta às autoridades, fala-lhes de seus planos para atravessar o país até Portugal, a partir de onde cruzaria o Atlântico, e seguir até os Estados Unidos. Mas foi informado de que isto não seria possível, pois os soldados haviam recebido “ordens de Madrid” para a suspensão daquele tipo de autorização. Benjamin ficou desesperado. A Espanha estava sob o jugo da ditadura militar franquista e acenava em colaboração com as armas de Hitler. A polícia comunicou-lhe que no dia seguinte todos os



fugitivos seriam reconduzidos para a França. Para o nosso autor, aquilo significava o fim de todas as suas esperanças: na madrugada do dia 27 de setembro de 1940, Benjamin ingeriu os tabletes de morfina e suicidou-se (Konder, 1999, p. 108).

## A ALEGORIA DE UM TEMPO CONTRADITÓRIO

A questão do tempo histórico atravessa com gravidade as teses sobre o conceito da história para Benjamin. Ora, se a inspiração de Benjamin em suas questões sobre a história é o pensamento marxista, é importante observar que para Marx e Engels “a ‘libertação’ é um facto histórico e não um facto intelectual, e é provocado por condições históricas” (MARX; ENGELS, 19--., p. 28). De acordo com Löwy (2005, p. 30), nosso autor será bastante influenciado pela leitura de *Marxismo e filosofia* de Korsch (1977), que pode ser lido como uma crítica à interpretação do materialismo histórico pelos soviéticos e socialdemocratas. Eles acabaram por acreditar que o desenvolvimento técnico e industrial seria o portador da derrocada implacável do capitalismo. Teriam eles segundo Korsch (1977, p. 71), mutilado a filosofia de Hegel e seu método dialético do pensamento de Marx, o que colocaria demasiada confiança no desenvolvimento das forças produtivas a partir de relações sociais mediadas pelo capitalismo, como algo “natural”.

É tendo isso em conta que Benjamin escreve contra a confusão e o conformismo da socialdemocracia alemã, criticando o imaginário em torno da civilização industrial enquanto simples redentora da classe operária, e explica que:

Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade. (...) O trabalho, como agora compreendido, visa uma exploração da natureza comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado (BENJAMIN, 1987, p. 228).

Essa esperança no despertar da consciência do proletariado para a revolução socialista, emergindo de uma favorável estrutura tecnológica existente na sociedade, é criticada por nosso autor com veemência. A esse respeito, Marx escreve em o prefácio de *Contribuição à crítica da economia política* (1859):

Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social (MARX, 1977, p. 24 – 25).

Benjamin abdica de concentrar-se no pensamento econômico e volta seu olhar à cultura. Tal atitude está dentro de um contexto histórico e intelectual conhecido como marxismo ocidental. Apesar de esse marxismo ter-se definido melhor principalmente após a Segunda Grande Guerra, ele começou a ser gerado a partir da década de 1920, como pensamento filosófico e político que divergia do marxismo soviético; sua ênfase foi deslocada da economia política e do Estado, para a cultura, a filosofia e a arte (ANDERSON, 1999, p. 75 – 76).

Segundo Perry Anderson (1999, p. 76), vários intelectuais entre os decênios de 1920 e 1960 participaram desse quadro diferenciado de produção teórica. Nele estão Lukács, Korsch, Gramsci, Benjamin, Horkheimer, Della Volpe, Marcuse, Lefebvre, Adorno, Sartre, Goldmann, Althusser e Colleti. O registro do academicismo, a dissociação entre a reflexão teórica e a prática política, a militância frequentemente afastada da participação em partidos políticos, o abandono de temas como a economia e o Estado, o pessimismo quanto às lutas proletárias e a derrota política da classe operária, foram traços que marcaram uma substancial diferença entre esses intelectuais e aqueles das gerações anteriores à Primeira Grande Guerra, como os próprios Marx e Engels, Labriola, Mehring, Kautsky, Plekhanov, Lênin, Rosa Luxemburgo, Hilferding, Trotsky, Bauer, Preobrazhensky e Bukharin (ANDERSON, 1999, p. 21 – 45).

Anderson (1999, p. 47) escreve que se pode observar na Alemanha, na França e na Itália uma combinação de um partido comunista de massas, que contava com a confiança dos principais setores da classe operária, antes ou depois da Segunda Grande Guerra, com um grupo razoavelmente numeroso de intelectuais radicais, e que a ausência dessas condições em outras regiões europeias teria dificultado o estabelecimento de uma cultura marxista.

Além disso, a stalinização dos partidos comunistas, influenciados pela Revolução de Outubro, e a ausência de qualquer levante revolucionário massivo depois de 1920 em países centrais para a economia capitalista europeia, favoreceram o arrefecimento das lutas operárias

naquele espaço. O controle dos Partidos Comunistas em torno da ideologia que veiculavam também desfavoreceu a produção de novidades teóricas em seu âmbito:

Portanto, a característica subjacente do marxismo ocidental como um todo é ser um produto da *derrota*. O fracasso da revolução socialista em propagar-se para fora da Rússia, causa e consequência de seus desvios dentro da Rússia, é o elo comum na formação de toda a tradição teórica deste período. Seus trabalhos mais importantes foram, sem exceção, produzidos em condições de isolamento político e desespero (ANDERSON, 1999, p. 63 – 64).

Essas condições marcaram um impasse ou urgência para o avanço das lutas proletárias em regiões fundamentais da Europa segundo as tradições clássicas do materialismo histórico, para as quais seria importante destacar “o exame das leis econômicas do funcionamento do capitalismo como um modo de produção, a análise da máquina política do Estado burguês” e “a estratégia da luta de classes necessária para derrubá-lo” (ANDERSON, 1999, p. 66). Nessas circunstâncias é que Benjamin escreve *Sobre o conceito da história*.

O desinteresse desses intelectuais pelas estruturas econômicas da sociedade após o decênio de 1920 na Europa assume o sentido de uma guinada dos estudos e elaborações teóricas na direção da filosofia, especialmente como disciplina acadêmica. Assim, não são meramente acidentais as investidas de Benjamin junto às publicações do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, quando a teoria marxista está deixando o calor da luta, para ocupar as salas das universidades.

Nesse sentido, *Sobre o conceito da história* é expressão de um posicionamento intelectual específico e aborda indiretamente a economia através da crítica ao progresso indefinido: refere-se à dissociação entre teoria e prática política, ao criticar o conformismo e o imaginário socialdemocrata e soviético, em torno de uma concepção de materialismo histórico e de desenvolvimento das forças produtivas que defende a ascensão espontânea da disputa entre as classes rumo à derrota do capitalismo e à revolução socialista, orientada pelo desenvolvimento indefinido das técnicas e dos domínios sobre a natureza, sob retrocessos na organização da sociedade. Esse imaginário registrado na década de 1930 é substância fundamental não apenas para a compreensão dos equívocos da luta proletária no ocidente, como ainda para a imagem de tempo histórico que Benjamin vai-nos sugerir.

## CONSIDERAÇÕES: TEMPO HISTÓRICO COMO PRODUTO E MATÉRIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS EXISTENTES

A partir do contexto em que vivia, enquanto judeu e comunista exilado na França durante os anos 1930, Benjamin expressa com acuidade essa contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, e na tese nove sugere-nos a catástrofe observada pelo anjo da história. “Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés” (BENJAMIN, 1987, p. 226). Intelectualmente assumindo sua parcialidade ao registro da situação histórica pela qual passava a Europa naquele momento, nosso autor qualifica o que observa e julga o anjo da história, a quem nomeia como observador desse processo, como alguém que “gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos” e é impedido por uma “tempestade” (um progresso) que “sopra do paraíso” (teórico) e “prende-se em suas asas [em seu imaginário] com tanta força que ele não pode mais fechá-las”. Ora, essa “tempestade” a que o nosso autor refere-se está dirigida para o futuro, “ao qual ele [o anjo da história] vira as costas”. Esse tempo como progressão é aqui criticado por Benjamin.

Nosso autor vai compondo uma imagem de tempo que se relaciona com o contexto social por ele observado, que dos anos 1920 passa ao próximo decênio repleto de tensões, embora em um processo em que elas se iam tornando cada vez mais graves e imbricadas.

Escritas no começo de 1940, as teses parecem não apenas refletir o contexto social, político e econômico europeu daquele momento, em vista dos regimes fascistas, do nazismo, das investidas soviéticas na Europa e ainda às portas da Segunda Grande Guerra (1939 – 1945), como também manifesta uma poderosa intervenção intelectual a partir da crítica àquela conjuntura. Segundo Löwy:

As teses “Sobre o conceito de história” (1940) de Walter Benjamin constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX. No pensamento revolucionário talvez seja o documento mais significativo desde as “Teses sobre Feuerbach” de Marx. Texto enigmático, alusivo, até mesmo sibilino, seu hermetismo é constelado de imagens, de alegorias, de iluminações, semeado de estranhos paradoxos, atravessado por fulgurantes intuições (LÖWY, 2005, p.17).

De maneira geral e principalmente após as publicações das teses desde 1950, as discussões em torno de *Sobre o conceito da História* seguiram as indicações do romantismo alemão do século XIX e do messianismo judaico, além do marxismo: Brecht orientava-se a partir do materialismo dialético para interpretar o pensamento de nosso autor; Gershom Scholem acreditava que o domínio dos signos judaicos facilitava o entendimento das reflexões daquele filósofo, ao passo que Habermas e Tiedemann liam-no como um pensador contraditório, por exemplo (Löwy, 2005, p. 36). Interessamo-nos por seguir, como foi visto, as pistas de Brecht.

A primeira referência ao documento aparece em fevereiro de 1940, em uma carta que Benjamin escreve a Theodor Adorno explicando os objetivos do texto em criticar o historicismo conservador, o marxismo vulgar e o evolucionismo socialdemocrata.

Sem que o documento se destinasse à publicação, Benjamin o enviou para Hannah Arendt, mas insistindo que o mesmo não deveria ser publicado, pois “abriria as portas para a incompreensão entusiasta”. Uma cópia do texto foi por ela transmitida a Adorno, em modelo de brochura e mimeografada sob o título *À memória de Walter Benjamin*. Com uma tiragem de algumas centenas de exemplares, o texto foi impresso em 1942 pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, ainda exilado nos Estados Unidos (Löwy, 2005, p. 33 - 35).

No entanto, a primeira publicação, no sentido notório do termo, foi uma tradução francesa do texto feita por Pierre Missac em outubro de 1947 na revista *Temps Moderns* (nº 25, p. 623 – 634) sem que causasse qualquer repercussão. O mesmo se passou com a publicação em alemão, sob os cuidados de Adorno, na revista *Neue Rundschau* (nº4, p. 560 – 570), posteriormente, em 1950. As primeiras discussões sobre o documento vão aparecer depois da publicação de uma seleção de textos de Benjamin organizada por Adorno, em 1955: *Schriften*, publicada em Frankfurt pela Suhrkamp. Em 1974 uma edição crítica e comentada das teses foi publicada nos *Gesammelte Schriften* (*GS*, Frankfurt, Suhrkamp), organizada por R. Tiedemann e H. Schweppenhäuser, com a colaboração de Adorno e Scholem, à qual foi acrescida uma última cópia sob o título *Handexemplar* (Coletânia), na qual se fazia de uma das notas a tese XVIII, descoberta pelo filósofo italiano Giorgio Agamben e integrada ao volume VII dos *GS* em 1991 (Löwy, 2005, p. 35).

Contudo, o final trágico da vida de Benjamin agregou, em seu contexto, um sentido específico ao documento das “teses” sobre história: o registro de uma intuição sobre a

sociedade a que pertencia e, ao mesmo tempo, de uma séria provocação teórica a respeito de sua história.

É provável que para uma interpretação do “pensamento poético” de Benjamin a expressão “anjo da história” seja observada como uma rica metáfora.



*Angelus Novus*, Paul Klee (1920). Museu de Israel, Jerusalém.

Benjamin inicia a tese nove citando a obra *Angelus Novus*<sup>2\*\*</sup>, de Paul Klee, a partir do que a interpreta como uma inspiração àquilo que sugere por “anjo da história”, em seu aspecto de perplexidade. “O anjo” significa neste caso aquele ou aquela capaz de avaliar a história segundo referências qualitativas – o contrário seria admitir que em assuntos humanos tudo fosse aceitável, como por exemplo, o genocídio, problema vivenciado pelo nosso autor.

Além de manter-se filiado à tradição racional da cultura intelectual moderna europeia, ele não resolve o conflito entre o racionalismo e uma concepção messiânica acerca da questão do tempo. Abordar essa questão como uma imagem pode-nos indicar um trânsito interessante do pensamento em diferentes suportes, que passeiam, por exemplo, entre a escrita e a imagem.

No contexto de meados da década de 1930 na Europa ocidental, quando nosso autor escreve a tese nove, podemos dizer que a imagem de tempo histórico que ele nos inspira é a

<sup>2\*\*</sup> Disponível em

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus\\_Novus#/media/File:Klee,\\_paul,\\_angelus\\_novus,\\_1920.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus#/media/File:Klee,_paul,_angelus_novus,_1920.jpg). Acesso em 5 dez. de 2015.

de um labirinto, em aspectos de perplexidade e urgência. Suas críticas ao progresso que viu como “tempestade” e seu horizonte revolucionário, desde referenciais marxistas como a “práxis”, por exemplo, recuperam não apenas o sentido de redenção nesse olhar histórico sobre aquele tempo determinado, como também o valor de esperança presente na classe operária, tomada como sujeito histórico revolucionário e capaz de acertar as contas com um passado de opressão sistemática na sociedade engendrada pelo capitalismo.

Registrar aquele tempo como uma imagem não significa necessariamente apreendê-lo como conceito, porque não se tem uma ideia universal de tempo, tampouco isolada ou autossuficiente. Trata-se de uma imaginação dinâmica que se mantém relacionada com a observação de uma realidade social tomada como concreta, uma atenção que se concentra àquela realidade singular como oportunidade.

A saída de um contexto tão conturbado aos olhos de nosso autor, e aos de muitos entre seus contemporâneos, foi imaginada contraditoriamente com pessimismo e esperança. Avaliando as forças sociais como disputa política e econômica entre as classes, nosso autor mergulhou enquanto sujeito histórico em compreender um momento singular e seu respectivo contexto, deixando-nos suas observações como um verdadeiro dinamômetro aos interessados pela História.

A ideia de um labirinto dentro do qual circularia não simplesmente os sujeitos históricos e suas subjetividades, mas abarcaria oportunidades de mudança em um ambiente marcado pela política, pelos desastres ecológicos, pelas desigualdades econômicas e sociais, pelo genocídio e pela disputa entre as classes, além de marcado pela intolerância identitária, continua inserida no registro da contingência.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Tradução de Marcelo Levy; revisão técnica de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, vol. 1).

\_\_\_\_\_. Kothe, Flávio (org.). *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In Walter Benjamin: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 44 - 122 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Edição alemã Rolf Tiedemann; Edição brasileira Willi Bolle (org.); Olgária Chain Feres Matos (colab.); Irene Aron (tradução do alemão); Cleonice Paes Barreto Mourão (tradução do francês); Patrícia de Freitas Camargo (rev.); Willi Bolle e Olgária Chain Feres Matos (posfácio). Belo Horizonte; São Paulo: Editora UFMG/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5º Ed. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. Tradução de Alexandre Kappaun. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIDE, André. *Diário dos moedeiros falsos*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito da história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant; tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução: Rodnei Nascimento. Revisão da tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lucio Nogueira. 3º Ed. Vol.1. Portugal: Presença, 19--.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução: Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. São Paulo: Clássicos Edipro, 2008.

Recebido em: 15/07/15  
Aprovado em: 09/12/2015